



CUIDADO E CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM NO ÂMBITO DA NEURODIVERSIDADE: UMA ABORDAGEM INTEGRAL E INOVADORA

NURSING CARE AND CONTRIBUTIONS WITHIN THE SCOPE OF NEURODIVERSITY: A COMPREHENSIVE AND INNOVATIVE APPROACH

Enoghalliton de Abreu Arruda;
Kelley de Andrade Gonçalves;
Isabella de Souza Maceió;
Bruna Vieira Santos;
Maria Clara Pegorim Villas Boas;
Júlia Anibal Hermsdorff Souza;
Mariana Gabry Pinheiro.

Article Info: 14 June 2026, Revised: 19 June 2026, Accepted: 19 June 2026, Published: 19 June 2026

Corresponding author:

Enoghalliton de Abreu Arruda,

RESUMO

A neurodiversidade constitui um tema de relevante debate nos campos acadêmicos contemporâneos, configurando um objeto de crescente e contínua mudança conceitual e prática que exige uma transição do modelo puramente biomédico para um modelo biopsicossocial. O presente estudo aborda a neurodiversidade como uma variação natural e estrutural do cérebro humano, fundamentando-se nos pressupostos de que condições como a Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) e a Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção (PHDA) representam diversidades humanas e não meras patologias. O objetivo geral desta investigação é retratar a gestão do cuidado realizado pelo enfermeiro, sob um olhar integral, abrangendo desde o rastreamento diagnóstico até à assistência contínua e inclusiva. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental de natureza qualiquantitativa, analisando dados epidemiológicos globais e manuais técnicos. As principais conclusões demonstram que o enfermeiro é uma peça fundamental na detecção precoce e na coordenação de equipes multiprofissionais. Através do uso de taxonomias próprias e instrumentos de rastreamento, este profissional proporciona contributos valiosos para o desenvolvimento global — social,

emocional e cognitivo — do indivíduo, garantindo uma assistência que privilegia a autonomia, a funcionalidade e a não medicalização da vida, consolidando-se como um agente de justiça social.

Palavras-chave: Neurodiversidade; Diagnóstico; Assistência de Enfermagem; Enfermeiro.

ABSTRACT

Neurodiversity is a topic of significant debate in contemporary academic fields, representing an object of increasing and continuous conceptual and practical change that requires a transition from a purely biomedical model to a biopsychosocial model. This study approaches neurodiversity as a natural and structural variation of the human brain, based on the assumption that conditions such as Autism Spectrum Disorder (ASD) and Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) represent human diversities rather than mere pathologies. The general objective of this research is to portray care management performed by nurses from a comprehensive perspective, covering everything from diagnostic screening to continuous and inclusive assistance. Methodologically, a qualitative and quantitative bibliographic and documentary research was carried out, analyzing global epidemiological data and technical manuals. The main conclusions demonstrate that the nurse is a fundamental player in early detection and in the coordination of multidisciplinary teams. Through the use of specific taxonomies and screening instruments, this professional provides valuable contributions to the global development — social, emotional, and cognitive — of the individual, ensuring assistance that prioritizes autonomy, functionality, and the non-medicalization of life, consolidating their role as an agent of social justice.

Keywords: Neurodiversity; Diagnosis; Nursing Care; Nurse.

INTRODUÇÃO

O conceito de neurodiversidade fundamenta-se na premissa epistemológica de que as variações neurológicas na espécie humana são manifestações naturais da biodiversidade e não erros da natureza que carecem de correção farmacológica. No entanto, para compreender a urgência deste tema na enfermagem contemporânea, é imperativo analisar a evolução histórico-cultural do tratamento da neuroatipia. Historicamente, tanto no Brasil como no contexto global, o século XIX e grande parte do XX foram marcados por um modelo de exclusão e "alienismo", no qual indivíduos com desenvolvimentos atípicos eram institucionalizados em asilos, privados de autonomia e submetidos a práticas de higienização social (Abreu, 2022).

A transição para a visão contemporânea iniciou-se com os movimentos de reforma psiquiátrica e a ascensão do modelo social da deficiência. Hoje, a neurodiversidade é entendida não apenas através da biologia intrínseca, mas pela complexa relação entre o sujeito e o seu ambiente social. Esta mudança paradigmática exige que a enfermagem, enquanto ciência do cuidar, abandone a busca pela "cura" e se foque na "funcionalidade" e no suporte individualizado, reconhecendo a neuroatipia como parte integrante da diversidade sociocultural da humanidade.

Apesar do avanço nas discussões teóricas, persiste uma lacuna significativa na literatura acadêmica sobre o papel operacional e clínico do enfermeiro nesta área. A enfermagem possui uma visão holística e competências técnicas que a posicionam de forma estratégica em todos os níveis de atenção à saúde. Contudo, a assistência muitas vezes ainda é fragmentada e centrada no sintoma, negligenciando as potencialidades do

indivíduo neurodiverso. Face a este cenário, formula-se a seguinte questão norteadora: "De que modo a enfermagem contribui na detecção precoce de uma perturbação neurológica e de que maneira ocorre a assistência aos sujeitos neurodiversos?". A relevância desta pesquisa reside na necessidade de sistematizar a intervenção de enfermagem como catalisadora da qualidade de vida e da integração social efetiva.

O objetivo geral deste artigo é retratar a gestão do cuidado integral prestado pelo enfermeiro ao indivíduo neurodiverso, desde o rastreio inicial até à assistência terapêutica continuada em diversos contextos.

Como objetivos específicos, pretende-se:

1. Conceitualizar a neurodiversidade e identificar o público-alvo sob a ótica da diversidade humana;
2. Evidenciar a importância do enfermeiro na detecção precoce de sinais neuroatípicos através de instrumentos validados;
3. Analisar a assistência de enfermagem focada no binómio paciente-família, contrastando os setores público e privado.

METODOLOGIA

Esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e documental de natureza quali-quantitativa. A dimensão quantitativa manifesta-se através da análise de dados epidemiológicos e estatísticos (como os dados do *Center for Disease Control and Prevention* - CDC) sobre a prevalência de perturbações do neurodesenvolvimento. A dimensão qualitativa foca-se na análise interpretativa de fontes documentais e bibliográficas, procurando compreender os significados e as práticas de cuidado no campo da saúde mental e do neurodesenvolvimento.

A recolha de dados foi realizada em bases de dados de referência: SciELO, Google Académico e o Portal de Periódicos CAPES. Foram também consultados manuais técnicos do Ministério da Saúde e diretrizes do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Os critérios de inclusão selecionaram documentos com elevada pertinência ao problema de pesquisa, priorizando publicações após o ano de 2019 para assegurar a contemporaneidade científica. No entanto, obras clássicas de fundamentação foram mantidas para garantir o rigor histórico. Foram excluídos trabalhos que não apresentassem integração direta com a assistência de enfermagem.

A fundamentação metodológica seguiu as orientações de Gil (2010), para a estruturação do projeto de pesquisa e análise de fontes bibliográficas, e Costa (2001), para o rigor no tratamento da pesquisa documental e manuais oficiais. A discussão foi orientada pela síntese crítica de Ortega (2008) sobre o "sujeito cerebral" e o movimento da neurodiversidade, permitindo uma análise que transcende o puramente clínico para o sociopolítico.

REVISÃO DE LITERATURA: AS INTERFACES DA NEURODIVERSIDADE

O termo "neurodiversidade" foi cunhado pela socióloga Judy Singer em 1999, propondo que diferenças neurológicas devem ser tratadas com a mesma dignidade que diferenças de etnia, género ou orientação sexual. Francisco Ortega (2008) expande esta discussão ao analisar o movimento da neurodiversidade como uma

forma de resistência à patologização da subjetividade. Para Ortega, a "conexão neurológica" atípica é uma variação da identidade humana e não um déficit a ser erradicado.

Abreu (2022) reforça que o uso do termo "neuroatipia" é uma ferramenta política e social para combater o preconceito e a desigualdade. Condições como a Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), a PHDA, a dislexia e a discalculia são hoje compreendidas como características únicas. O papel da enfermagem nesta interface é mediar a transição do foco da "doença" para o foco do "suporte", garantindo que o utente não seja reduzido a um diagnóstico, mas visto na sua totalidade funcional.

A escala *Modified Checklist for Autism in Toddlers, Revised* (M-CHAT-R) é um instrumento de elevada sensibilidade, essencial para a prática do enfermeiro em consultas de saúde infantil entre os 18 e 24 meses (Losapio & Pondré, 2008). Por ser uma ferramenta simples, o enfermeiro atua como facilitador, orientando pais e cuidadores na aplicação, o que permite uma deteção precoce e o encaminhamento célere para intervenções que aproveitem as janelas de oportunidade do desenvolvimento.

Os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) permitem ao enfermeiro monitorizar o desenvolvimento psíquico nos primeiros meses de vida. Contudo, é na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) que a enfermagem encontra o seu maior aliado para o planeamento do cuidado. Ao contrário da CID, que se foca na etiologia, a CIF foca na participação social e na funcionalidade (Guedes, 2021; OMS, 2008).

A integração da **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)** às intervenções de enfermagem permite uma abordagem biopsicossocial que transcende o diagnóstico médico, focando na funcionalidade e na participação social do indivíduo neurodiverso. Abaixo, a síntese das aplicações conforme os conceitos da CIF e as respectivas intervenções fundamentadas na literatura:

- **Funcionalidade:** Este conceito é aplicado no rastreio para **avaliar o desempenho do indivíduo em suas atividades cotidianas e sua capacidade de autocuidado**. Com base nessa avaliação, as intervenções de enfermagem (NIC) concentram-se no **treino de Atividades de Vida Diária (AVD)** e na **promoção do desenvolvimento infantil**, aproveitando a neuroplasticidade para otimizar o aprendizado e as habilidades sociais.
- **Barreiras Contextuais:** A CIF permite identificar obstáculos externos, como a **falta de acessibilidade em ambientes escolares ou o estigma familiar**, que podem impedir o desenvolvimento pleno. As intervenções de enfermagem incluem o **apoio à família**, a **mediação escolar** para a criação de ambientes inclusivos e a **modificação do ambiente** para reduzir o estresse e favorecer a adaptação.
- **Fatores Facilitadores:** O uso da CIF destaca elementos positivos, como o emprego de **tecnologias assistivas e a existência de redes de apoio sólidas**. O enfermeiro atua na **identificação desses sistemas de apoio** e no **ensino sobre o processo da condição neurobiológica**, orientando famílias e comunidades para fortalecer o cuidado integral e evitar a medicalização excessiva.
- **Participação Social:** O foco reside na **autonomia e na inclusão do sujeito em atividades de lazer e educação**, garantindo seus direitos e dignidade. As intervenções de enfermagem visam a **promoção da socialização** e o **treino de competências sociais**, articulando o cuidado em diferentes setores para que o indivíduo alcance seu potencial máximo em um ambiente acolhedor.

A intervenção precoce é fundamentada na neuroplasticidade — a capacidade intrínseca do cérebro para reorganizar conexões neurais em resposta a estímulos ambientais. Esta plasticidade é máxima nos chamados "períodos críticos" da infância (Ortega, 2008).

Dados do *Central of Disease Control* (CDC) sublinham a importância desta vigilância: a incidência de autismo saltou de 1 em cada 150 crianças no ano 2000 para 1 em cada 36 crianças em 2020. Este aumento não reflete apenas um crescimento real, mas sobretudo uma melhoria nos critérios diagnósticos e na formação de

profissionais especializados (Silva et al., 2024). O enfermeiro, ao identificar precocemente sinais de alerta, utiliza protocolos de estimulação precoce que "reconfiguram" caminhos funcionais, mitigando atrasos severos e otimizando o prognóstico a longo prazo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM

No Sistema Único de Saúde (SUS), o enfermeiro atua na linha de frente através da Estratégia Saúde da Família (ESF). O contacto prolongado e o vínculo estabelecido com a comunidade permitem a realização de uma anamnese detalhada, identificando marcos de desenvolvimento atrasados que muitas vezes passam despercebidos noutras esferas (Nascimento et al., 2022). A integração na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e nos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) é vital para o acolhimento do binómio família-paciente, onde o enfermeiro gere o itinerário terapêutico e assegura o suporte emocional necessário para enfrentar o impacto do diagnóstico (Brasil, 2014).

O cenário contemporâneo apresenta uma vertente inovadora: a autonomia profissional através de consultórios autónomos. Um marco histórico nesta evolução é o exemplo de Cleide Oliveira, pioneira na criação do primeiro consultório de enfermagem brasileiro dedicado exclusivamente ao atendimento de pessoas neurodiversas e das suas famílias (Cofen, 2021). Nestes espaços, o enfermeiro exerce o seu papel pleno de gestor do cuidado, coordenando equipas multiprofissionais (psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos) e oferecendo planos terapêuticos personalizados que preenchem as lacunas de especialização dos serviços convencionais (Eduardo et al., 2021).

A assistência estende-se aos ambientes de vida do utente. Na escola, o enfermeiro atua como consultor para a criação de ambientes inclusivos, gerindo comorbidades — como a epilepsia e alergias alimentares frequentes na PEA — e educando o corpo docente sobre as especificidades sensoriais e comportamentais dos alunos (Ferreira & Theis, 2021). No domicílio, o foco é a promoção da autonomia e a adaptação do ambiente físico para reduzir sobrecargas sensoriais, garantindo que o cuidado seja sustentável para a família.

Um desafio crítico identificado é a lacuna na formação de graduação, que muitas vezes deixa o profissional inexperiente perante a complexidade do neurodesenvolvimento (Mota et al., 2022). Esta carência pode levar a uma visão simplista e excessivamente medicante.

Contrapondo-se à "medicalização da vida" (Franco et al., 2008), a enfermagem deve utilizar o seu Processo de Enfermagem (NANDA-I, NIC, NOC). Enquanto o modelo médico se foca no diagnóstico biológico e na prescrição farmacológica de psicotrópicos para "conter" comportamentos, a enfermagem foca nas Respostas Humanas. Diagnósticos de enfermagem como "Interação Social Prejudicada" ou "Processos Familiares Interrompidos" permitem intervenções focadas na adaptação, treino de competências e estimulação ambiental. A farmacologia deve ser uma exceção e não a regra, priorizando sempre estratégias que respeitem a integridade neurológica do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação conclui que o enfermeiro é um profissional indispensável para o desenvolvimento global — social, emocional e cognitivo — do indivíduo neurodiverso. A sua atuação transcende a triagem inicial com o M-CHAT-R, consolidando-se na gestão contínua de cuidados complexos. A capacidade de articular o saber clínico com a sensibilidade social permite que este profissional identifique potencialidades onde o modelo tradicional vê apenas limitações.

Investir na assistência integral à neurodiversidade é um imperativo de justiça social. Ao promover a autonomia, a enfermagem contribui para que a sociedade beneficie das perspectivas únicas e dos talentos de indivíduos neurodivergentes, rompendo com séculos de invisibilidade e estigmatização.

É urgente que as instituições de ensino superior incluam a temática da neurodiversidade e das taxonomias de enfermagem aplicadas à saúde mental de forma transversal nos currículos. Recomenda-se a implementação de programas de educação permanente nos serviços de saúde para fortalecer o senso crítico dos profissionais. Além disso, a interlocução entre os setores da Educação e da Saúde deve ser institucionalizada, garantindo que o plano de cuidados do enfermeiro acompanhe o aluno no seu percurso escolar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, T. O que é neurodiversidade? eBook Kindle. Cànone Editorial, 2022.
- ADURENS, F. D. L.; MELO, M. S. Reflexões Acerca da Possibilidade de Prevenção do Autismo. Revista Estilos da Clínica, São Paulo, vol. 22, n. 1, abril, 2017.
- BARROS, P. R.; MAZZAIA, M. C. A percepção de enfermeiros acerca da ambiência na saúde mental. Braz J Health Review, 2019.
- BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Enfermagem Melhora a Qualidade de Vida dos Pacientes Autistas, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. 05/08 – dia nacional da saúde. Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Brasília (DF), 2014.
- COSTA, S. F. Método científico: os caminhos da investigação. São Paulo: HARBRA, 2001.
- EDUARDO, O. R. et al. Contexto dos enfermeiros frente à assistência às crianças diagnosticadas com transtornos do espectro autista. Braz J Devel, 2021.
- FALCÃO, S. M. A. C. et al. O Papel do Enfermeiro na Detecção Precoce do Transtorno do Espectro Autista Infantil. Research, Society and Development, v. 11, n. 16, 2022.
- FERREIRA, T. L.; THEIS, L. C. Atuação do profissional enfermeiro na assistência às crianças com transtorno do espectro autista. Rev Saúde Desenvol, 2021.
- FRANCO, A. F. et al. A Medicalização da Infância e Políticas Públicas. UNICAMP, 2008.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUEDES, T. A. L. Instrumentos de uso livre para rastreamento/triagem e classificação de Transtorno do Espectro do Autismo. São Luís: UNA-SUS; UFMA, 2021.
- LOSAPIO, M. F.; PONDÉ, M. P. Tradução Para o Português da Escala M-Chat para Rastreamento Precoce de Autismo. Revista De Psiquiatria, Rio Grande do Sul, vol. 30, n. 3, 2008.
- MOTA, M. V. S. et al. Contribuições da Enfermagem na Assistência à Criança com Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão da Literatura. Revista Baiana de Saúde Pública, Bahia, vol. 46, n. 3, 2022.
- NASCIMENTO, A. S. et al. Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. Rev Eletr Acervo Enfermagem, 2022.

OMS (Org. Mundial da Saúde). CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ORTEGA, F. O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, 2008.

SILVA, L. M. F. et al. Assistência de Enfermagem no Contexto de Responsabilidade às Pessoas com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Enfermagem Contemporânea*, Bahia, vol. 13, 2024.